



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

IMPORTÂNCIA DO (RE)CONHECIMENTO DAS TECNOLOGIAS NA LUTA PELA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: A EXPERIÊNCIA DO *SOFTWARE* LIVRE NA VIDA DO ASSENTAMENTO MOACIR WANDERLEY (SE)

Josivan dos Santos Moura
IFS- Instituto Federal de Sergipe
josivandsm@gmail.com

INTRODUZINDO A QUESTÃO

Este trabalho é parte de um trabalho maior, o resultado de uma pesquisa realizada no Assentamento Moacir Wanderley no Telecentro Quissamã. O assentamento fica situado no município de Nossa Senhora do Socorro no Estado de Sergipe. Tivemos o interesse de pesquisar como estava sendo a relação dos assentados do Assentamento Moacir Wanderley com a tecnologia popular do *software* livre na promoção dos caminhos por uma possível contribuição para a transformação social de suas realidades, haja vista que o software livre trás no seu bojo filosófico uma identidade libertária dedicadas às camadas mais carentes da sociedade, justamente aquelas que estão fora do acesso das facilidades tecnológicas do século XXI trazidas pelo advento das Novas Tecnologias.

Começamos a pesquisa fazendo um estudo a respeito do *software* livre e como ele se organiza através do seu movimento, o Movimento do *Software* Livre (MSL). Daí, realizamos leituras que falassem deles. Infelizmente, pouco se tem escrito sobre o MSL, motivo que nos fez buscar mais informações na Internet, ao mesmo tempo, resolvemos conhecê-lo diretamente.

Em 2005, 2006, 2007 e 2008 fomos ao Fórum Internacional de *Software* Livre - 7º - todos realizados na cidade de Porto Alegre/RS. O desejo era conhecer as práticas, os anseios e as estratégias que giram em torno do MST e do *software* livre. Principalmente, ficar atualizado a respeito do avanço que o movimento faz a cada ano a favor da liberdade, entenda-se liberdade como ter direito de acesso às tecnologias e, que isso, possa traduzir-se em democratização e universalização delas. Enfim, as tecnologias a serviço de todos.



Sem os conhecimentos preliminares sobre a história do *software* livre e os caminhos norteadores da sua filosofia, que fomos buscar participando dos fóruns, seria impossível alavancar a elaboração da pesquisa. É no *software* livre que o objeto de pesquisa investigado se constitui: *caminhos por uma possível contribuição para a transformação social* da vida dos assentados do Assentamento Moacir Wanderley a partir da utilização do *software* livre.

O SOFTWARE LIVRE, O QUE É E O QUE FAZ?

O termo *software* livre se refere à liberdade que o usuário tem de executar, distribuir, modificar e repassar as alterações de um programa de computador seja ele um sistema operacional ou um aplicativo sem ter que pedir permissão ao autor que o desenvolveu. Para garantir essas premissas, a maioria dos programas carrega em si a Licença Pública Geral (GPL), embora haja outras, entre elas: Lesser Licença Pública Geral (LGPL). Tais licenças, possibilitam executar, distribuir, modificar e repassar as alterações. As licenças garantem a certeza dessas liberdades - **embora não signifique que todo ou qualquer programa desse tipo seja gratuito.**

Por essa razão, há uma discussão que permeia as comunidades dos adeptos e defensores do *software* livre que é justamente a questão dele ser **livre** e/ou **gratuito**. Lembramos, que “seus maiores adeptos e defensores são os hackers, um grande número de acadêmicos, cientistas e os mais diferentes combatentes pela causa da liberdade” (SILVEIRA, 2004, p. 5).

Mesmo admitindo que os sistemas operacionais livres e os aplicativos livres estejam a servir muito mais o capital com a redução dos custos com o trabalho intelectual decorrentes da produção coletiva de *software* livre, muitos dos seus adeptos e defensores se articulam em rede a favor do *software* livre em benefício do bem-estar social, dessa forma eles contrariam a “lógica do capital”¹.

¹ Bolaño e Mattos comentam que o *software* livre permite uma redução de custos brutal para as empresas e outras instituições que, ao adquirir uma cópia de um programa desse tipo, segundo a licença padrão utilizada, adquire o direito de instalá-lo em quantas máquinas desejar, sem o pagamento de nenhum adicional, como ocorre no modelo hegemônico, da Microsoft, que vive da venda de licenças de uso dos



Essa postura, contrária à lógica do capital, permite-nos dizer que o *software* livre, de certa forma, traz no seu bojo filosófico a concepção de liberdade do conhecimento. Fato que não o descarta da possibilidade dele apresentar-se como ferramenta de transformação social capaz de emancipar o cidadão, comunidades e nações. Esse potencial tem sido observado a partir da forma como ele tem atuado junto às comunidades mais carentes, aquelas que necessitam se inserir no mundo tecnológico e excludente da sociedade atual. Nesse sentido, ainda se mantêm as esperanças de construção de uma sociedade mais igualitária tecnologicamente a partir da produção de *software* livre, decorrente da mobilização das comunidades que o defendem como solução tecnológica para esse fim sem vínculos maiores com o capital. Eles lutam por liberdade.

Lutam por uma liberdade não só da democratização e universalização das TIC. Mas, paralelamente, demonstram lutar por uma sociedade auto-sustentável tecnologicamente. Dessa forma, contribuem para a “criação” de uma inteligência tecnológica e coletiva voltada para o conhecimento amplo das tecnologias e dos seus processos computacionais, capazes de criar uma corrente de solidariedade que viaja no tempo-espaço e se materializa em cada gesto de ação-política de luta e, também, de resistência contra as políticas públicas do governo que insiste em manter o **status quo** social.

Estamos nos referindo às políticas do governo de pouco alcance, estas têm servido apenas para aprofundar o fosso social existente, por não dá direitos as camadas mais carentes da população de ter direitos. Nesse caso, o que vemos, mais e mais, é o aumento da distância entre aqueles que têm e os que não têm acesso às TIC.

seus programas, protegidos por patente. Nada impede inclusive que os softwares livres sejam distribuídos gratuitamente, como de fato ocorre em muitos casos. Isto significa um deslocamento dos gastos das empresas do pagamento das licenças para a contratação de empresas de serviços de informática e pessoal para desenvolvimento e aperfeiçoamento de programas, já que a lógica por trás desse modelo é a da abertura dos códigos fonte, permitindo que cada usuário realize as modificações que julgar adequadas no programa. Além disso, do ponto de vista do Estado, isso pode significar também uma economia importante nos gastos com informática, tanto para fins de aparelhamento do serviço público, quanto de políticas públicas de inclusão digital, ao eliminar o desembolso com o pagamento de *royalties* de *software* proprietário, além de estimular a capacitação nacional na produção de *software* e, portanto, o desenvolvimento de tecnologia própria. (BOLAÑO; MATTOS, 2004, p. 12-13)



Apesar do *software* livre estar na ordem do dia do sistema capitalista, uma das vertentes que nos faz acreditar no seu potencial é o fato dele se colocar em detrimento a outros modelos de *software* **não-livres** que são oferecidos comercialmente, “comprar *softwares* [não-livres] é como comprar cadeado” (Rodrigues, 2003, p. 54, grifo nosso). Estes são registrados com licenças que coíbem o caráter do direito de liberdade e, com isso, tira do cidadão dois direitos fundamentais: “o direito a conhecer, a conhecer o que já se conhece, e o direito a conhecer o que ainda não se conhece”, (FREIRE, 2002, p. 22).

De acordo com o pensamento freireano, acreditamos que o *software* livre se coloca através do seu caráter solidário e através do movimento dos seus adeptos e defensores como uma ferramenta que pode possibilitar a dualidade do conhecer a que Freire se refere. Certa vez, ele discursava para poucas centenas de Militantes do MST lhes dizendo: “eu acho que uma séria transformação revolucionária da sociedade terá, se ela for realmente democrática, se ela for radical, se ela for às raízes, ela terá que oferecer ao povo, ela terá que democratizar o saber” (FREIRE, 2002, p. 24).

Esta é também uma das intenções dos adeptos e defensores das comunidades que formam o MSL em defesa do *software* livre, democratizar o saber para quem as requisita. Quando não, eles querem pelo menos oferecer condições aos cidadãos de ter acesso às TIC. Por exemplo, uma ferramenta utilizada pelos brasileiros como solução gratuita para aqueles que desejam fazer serviços de digitação de textos, planilhas eletrônicas, apresentações, entre outras coisas, é o Br.Office - projeto brasileiro do Openoffice.org.

A filosofia da comunidade do Br.Office segue em linhas gerais a mesma filosofia do manifesto Debian: **permanecer 100% livre; não retribuir à comunidade de *software* livre; priorizar os usuários e o *software* livre**. É preciso acrescentar que o Linux GNU/Debian é distribuído sob a licença GPL e o Br.Office sob a licença LGPL. O retrato disso é que o desenvolvimento do Br.Office permite também a associação de códigos de programas que não estejam sob as licenças GPL ou LGPL, incluindo *software* proprietário, ou seja, **não-livres**. Esta permissão é vista por muitos adeptos e defensores do *software* livre como uma prática invasiva e, portanto, perigosa para o futuro do *software* livre.



Devemos ressaltar que embora haja diferenças filosóficas entre as comunidades Br.Office e Debian, a essência deles pertence a uma “contracultura” a favor de um poder emergente sistematizado por um novo processo ou desdobramento de um grande processo de luta política e econômica. Então, sem dúvida alguma, temos que considerar o poder emancipatório de liberdade e, portanto, de transformação social que ambas as comunidades incorporam entre si, já que são sujeitos que vivem a defender práticas solidárias. Nesse sentido, tanto o MSL quanto o *software* livre entram para uma perspectiva mais humana e popular da tecnologia.

A partir daí, observamos que na maioria das vezes o *software* livre tem dado subsídios tecnológicos a indivíduos desassistidos. Na área da “educação especial”, por exemplo: ele está servindo como ferramenta de inclusão social e educacional de alunos com deficiência visual. Uma dádiva, que a sua filosofia libertária de promoção do bem-estar social pode oferecer, já que os *softwares não-livres* com a mesma finalidade são muitos caros e, portanto, de pouco acesso, tanto para as escolas quanto para os alunos carentes e, mais ainda, para alunos especiais.

O importante desse aspecto é a sustentação do caráter de liberdade e de transformação de histórias de vidas existente nele que pode possibilitar o direito ao cidadão de construção de novos saberes, mesmo para aqueles que são excluídos naturalmente do processo educativo. Assim, a perspectiva mais humana e educativa das tecnologias, na experiência do *software* livre nas vidas de alunos excluídos e, conseqüentemente, nas vidas dos assentados do Assentamento Moacir Wanderley, perpassam por algumas linhas: “as linhas dos sonhos, de ilusões, de desilusões, de esperanças e desesperanças, de dúvidas, de anseios, de medos também, de dor, de gostos, de cores, de alegrias” (FREIRE, 2002, p. 28).

Essas linhas se aproximam em alguns momentos e se distanciam em outros para construir um único saber em que se unem, evidentemente, “prática e teoria”. A prática vem da solidariedade popular, da vontade que nasce da prática de cada um dos integrantes do MSL a favor do coletivo universal, a teoria vem do conhecimento teórico, da formação científica que eles recebem e necessitam para prosseguir na luta. Para Freire (2002, p. 28) não é possível separá-las, pois “não há prática sem teoria e não há teoria que não se submeta ao ajuizamento da prática”.



Nesse contexto, a possibilidade libertadora e de transformação social ou não dessa poderosa ferramenta de caráter libertário, traduzidas no caráter humano e educativo das tecnologias, pode estar condicionada aos saberes que se formam e se somam às práticas e às teorias para a formação e consolidação cada vez mais da identidade política e social do MSL. É assim que o *software* livre fará sentido como possível ferramenta de transformação social para a cultura do humano e do educativo.

Pensando dessa forma, o MSL, que se trata de um movimento de “contracultura”, pautado na opção colaborativa dos seus membros a favor da disseminação da cultura libertária do *software* livre, tem como função não só denunciar a “exclusão” como também a de se colocar na dinâmica das mudanças sociais para a transformação social via *software* livre para a construção de uma sociedade pautada no bem-estar coletivo, amenizando, assim, as fronteiras do grande fosso social existente onde cada vez mais o acesso às tecnologias tem se tornado muito difícil. Desse modo, essa ferramenta livre, através do MSL, coloca-se como uma entidade representativa de um contra-senso que foi gerado pela ideologia pertinente aos seus milhares de adeptos e defensores espalhados pelo mundo, pelo Brasil e por Sergipe.

OS OBSTÁCULOS POLÍTICOS DO *SOFTWARE* LIVRE

Infelizmente, pelo mundo, principalmente, pelo Brasil e por Sergipe, ainda são milhões de cidadãos que não se beneficiam com as políticas do governo de combate à exclusão digital. Daí, a importância do MSL através do *software* livre de estarem contribuindo para o surgimento de uma nova ordem social de acesso às TIC e, também, de emancipação tecnológica que garanta os direitos de todos os cidadãos a ter esse tipo de acesso.

Os assentados do Assentamento Moacir Wanderley têm lutado por uma liberdade participativa das decisões do Estado e, por conta disso, levantam as bandeiras da cidadania e da democracia, categorias centrais para se alcançar um bom nível de emancipação social perante o Estado e para que tal nível de emancipação possa levá-los



de fato a ter acesso as TIC. Foram eles com as suas reivindicações que levaram a ferramenta *software* livre para o Assentamento Moacir Wanderley.

Nessa conjuntura, fundamentalmente, política: a transformação social inerente ao caráter libertário do *software* livre ao se deparar com a luta dos assentados, se traduz a nosso ver, numa mediação pedagógica entre educação política e conhecimento. Isto porque, acreditamos que somente pelo viés da educação será possível se alcançar possibilidades de ação-política capaz de mudar a situação atual de cerceamento, por conta do abuso de poder, de autoridade ou de força, dos direitos dos cidadãos, por parte do Estado.

Estamos nos referindo a educação como possibilidade de processo de “mudança social”, que por sua vez se sustenta numa “utopia geral, concebida como a antecipação de uma sociedade melhor do que a presente, de respeito mútuo, autonomia e solidariedade”, (GOMEZ, 2002, p. 109). Por isso, que não falamos de qualquer educação, mas de uma educação pautada no desenvolvimento político do cidadão.

Nesse sentido, destacamos alguns elementos da educação freireana, como, por exemplo: cooperação, comunhão, comunicação, interação, informação, liberdade, transformação e consciência, elementos que sinalizam a educação como prática de liberdade tão defendida por Freire. Como ele mesmo diz: “A liberdade, é uma conquista, e não uma doação”, (FREIRE, 2001, p. 34). Daí, a importância de ambos os movimentos assumirem cada vez mais uma postura de luta e resistência pela liberdade, pela transformação social pelo viés de uma educação alternativa.

Esta deve ser pautada pelo propósito de formar novas consciências, a partir do entendimento político e econômico do que os cercam. Pois, “quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seus e suas circunstâncias” (FREIRE, 2005, p. 30).

Este é o desafio que não só os movimentos sociais, a exemplo do MST e do MSL, mas todos os seres humanos têm de assumir em suas próprias vidas pelo viés da educação. É pela educação que se desenvolve uma consciência crítica permitindo ao homem reconhecer a realidade que o cerca e, assim, transformá-la. Com isso, libertar-se das amarras a ele impostas. Portanto, faz-se cada vez mais urgente uma educação



alternativa que rompa com a alienação e as subordinações presentes na educação vigente. Como diz (MÉSZÁROS, 2005) uma educação para além do capital.

Daí surge a urgência de alinhar a possível liberdade concedida pela educação à consciência humana e, portanto, política acima de tudo. Desse modo, a consciência, que nasce a partir do *software* livre, ou melhor, que nasce a partir da base filosófica e norteadora de sua educação política, a nosso ver, é o conhecimento das coisas em si e o conhecimento para refletir sobre ele mesmo através do processo de mudança social. A ideologia que nasce a partir desses sujeitos coletivos organizados pelo movimento do MSL forma uma consciência crítica, mediante a qual advêm certas razões que explicam a maneira como “estão sendo” os homens no mundo.

Todavia, esses sujeitos coletivos, homem e sujeito-cidadão são os frutos da consciência política: o indivíduo situado nas relações sociais com seus direitos e deveres, relacionando-se com a esfera pública do poder e das leis para transformar sua realidade. A partir daí, orientado pelo pensamento freireano, tais sujeitos coletivos precisam partir de suas possibilidades para serem eles mesmos, (FREIRE, 2005).

Isto porque, não podemos imitar o que não somos, temos que trilhar os nossos próprios caminhos de possibilidades. Consideramos, então, que a possibilidade de transformação social advinda do *software* livre, não nasce do vazio, mas, principalmente, das experiências do engajamento político dos seus adeptos e defensores por transformá-lo numa ferramenta de ação-política humana e educativa.

As experiências a que nos referimos são as acumuladas através das informações que circulam pelas comunidades em redes digitais que acabam se transformando num processo de ensino e de aprendizagem, fazendo que o *software* livre seja considerado uma tecnologia popular de princípios humanitários pelos seus sujeitos (adeptos e defensores). Entendemos que os sujeitos a que fazemos referência são os indivíduos tomados em suas relações reais com os grupos, as classes e o conjunto da sociedade. (MARX, 1975).

Essas relações sociais dotadas de experiências na prática são os atos que se transformam em ações desenvolvidas pelo MST na luta pela liberdade e pela transformação social a favor de uma sociedade mais justa e igualitária via *software* livre. O Assentamento Moacir Wanderley é um desses lugares “ricos”, onde a dinâmica



do dia-a-dia do movimento se traduz em novos atos de luta pela transformação social. Na verdade, traduz-se também “numa forma de interação, pela qual os dois elementos que nela entram são modificados: situação e agente” (DEWEY, 1978, p. 14). Partindo desse pressuposto, ambos são atingidos ora como situação de uma ação, ora como agente de uma ação (*software* livre e assentados).

Face à realidade investigada que permeia o objeto de estudo, tanto as TIC quanto a tecnologia do *software* livre associado à luta e resistência pela transformação social estabelecidas pelos assentados do Assentamento Moacir Wanderley levam-nos a reflexões que incluem pensarmos o papel do Estado, o papel da educação e o papel da sociedade na construção desses caminhos de possibilidades.

Com referência a esses caminhos, é consensual, que a possível transformação social perpassa em linhas gerais pela produção de conhecimento, na concepção atual da Sociedade da Informação, a partir da inserção das TIC, ou melhor, a partir dos paradigmas tecnológicos e informacionais que envolve a sociedade contemporânea. Tais paradigmas assumem uma importância crescente nos diversos seguimentos estruturais da sociedade.

Para Schaff (1995), por exemplo, as três últimas décadas do século XX, mostraram as sociedades em meio a uma acelerada e dinâmica revolução das TIC. Essa acelerada revolução das TIC a partir do desenvolvimento da microeletrônica remonta a nosso ver dois enormes perigos: o primeiro está na própria tecnologia e na técnica quando elas passam descaracterizar a vida natural dos indivíduos, tornando-os “escravos” delas. Os sujeitos, então, têm suas subjetividades “quase” subsumidas, ficam à mercê das indústrias das necessidades humanas, ou melhor, da indústria cultural.

São muitos os indivíduos que deixam de se comunicar com o outro. Isto porque, se sentem fora do contexto do “consumismo” provocado pela indústria cultural. O segundo perigo está nos aspectos da influência da tecnologia e da técnica na vida “intima” e natural dos indivíduos para uma dimensão não mais alcançável. Apesar dos perigos eminentes, as TIC devem ser usadas e, porque não? Porém não como máquinas indomáveis, mas como ferramentas de apoio para facilitar a vida de todos. **Não podemos aceitar, por exemplo, que as TIC possam interferir nas relações sociais ao ponto de eliminar o caráter humano de convívio fraterno, solidário e ético-moral**



entre os sujeitos. Nesse caso, concordamos com Freire, que se reportando à falsa concepção do humanismo, diz que o humanismo e tecnologia não se excluem embora veja na tecnologia a razão dos males do homem moderno.

Se o meu compromisso é realmente como o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa. **Por isso também não posso reduzir o homem a um simples objeto da técnica, a um autômato manipulável.** (FREIRE, 2005a, p. 22-23, grifo nosso).

É, dentro dessa lógica, que ousamos dizer: o *software* livre como ferramenta que promove o acesso a informação e a produção, construção de conhecimento e de saberes em função de uma possível transformação social, poderá apresentar-se não como controle das consciências humanas, mas ao contrário, por meio do seu caráter filosófico, poderá colocar-se no seio das subjetividades humanas como uma forma possível de maximizar os saberes libertadores dos indivíduos.

As TIC devem sim, associar-se aos movimentos sociais, em especial a experiência dos assentados do Assentamento Moacir Wanderley, para construir uma educação política de ideário político diferenciado, para formar homens e ao mesmo tempo formar cidadãos conscientes. Vale ressaltar que o alcance que hoje o MST tem em defesa do interesse dos trabalhadores rurais só foi possível através de uma educação que, em linhas gerais, deu suporte ao seu ideário de luta e resistência.

A educação política acima de tudo desenvolvida dentro do MST é a grande responsável pela transformação social promovida pela voz de cada um dos seus militantes. As TIC devem ser suas aliadas no engrandecimento do movimento, no questionar o papel do Estado, no promover a liberdade de expressão e de conhecimento.

O cão e a árvore são inacabados, mas o homem se sabe inacabado e por isso se educa. Não haveria Educação se o homem fosse um ser acabado. O homem pergunta-se: quem sou? De onde venho? Onde posso estar? O Homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da Educação, **[eis aí o papel da educação política do MST, que aliada a tecnologia popular do *software* livre poderá potencializar o poder da educação deles em prol da transformação social].** (FREIRE, 2005a, p. 47, grifo nosso).



A POSIÇÃO POLÍTICA DOS ASSENTADOS DO ASSENTAMENTO MOACIR WANDERLEY COM RELAÇÃO ÀS TIC E O *SOFTWARE* LIVRE

O conhecimento produzido pelos os assentados do Assentamento Moacir Wanderley é parte fundamental de seu poder e poderá crescer caso o movimento incorpore as TIC nas suas atividades cotidianas de educação, de luta e resistência, e de produção de conhecimento. Pois, o conhecimento tem presença garantida em qualquer projeção que se faça do futuro da humanidade (GADOTTI, 2000), embora no Brasil não possamos, ainda, falar de uma Sociedade do Conhecimento.

Usamos conhecimento na perspectiva cognitiva do saber humano, capaz de possibilitar transformações sociais e culturais em uma sociedade. Esse conhecimento tem como fio condutor a educação que é dada no contexto de cada um de nós, transformando-nos em cidadãos livres e conscientes. Livres na medida em que temos escolhas e conscientes porque a partir daí somos cientes da realidade que nos cerca. É o que se observa nos assentados do Moacir Wanderley, a partir do processo de educação política que eles desenvolvem e, paralelamente, do interesse deles pelas facilidades tecnológicas advindas do *software* livre.

Eles empregam tal ferramenta por conta do caráter libertário a favor do conhecimento coletivo e não individualizado.

Fato observado por nós a partir das respostas deles quando foram questionados com relação ao *software* livre. O assentado “F”² participante da pesquisa considera o **“*software* livre um programa socialista”**, isto nos faz deduzir que o referido respondente sinaliza que o *software* livre promove liberdade de conhecimento, conseqüentemente, contribui para que a transformação social possa apontar do horizonte das possibilidades reais.

Outra resposta que obtivemos foi à razão de enxergar o *software* livre como ferramenta livre. “[...], **no caso do Windows a gente teria que pagar por todos os aplicativos instalados. O *software* livre é autônomo, você pode contribuir para melhorá-lo**”. (ASSENTADO H). O referido assentado está se referindo as ferramentas

² Os respondentes dos questionários foram compreendidos como assentados e nomeados com letras do alfabeto português, já que o caráter da aplicação do questionário tinha como pré-requisito não identificá-los.



tecnológicas - sistema operacional e aplicativos - que foram instaladas do Telecentro Quissamã sem custo algum para o movimento.

Logo, podemos dizer que as TIC, como conjunto de tecnologias modernas que incorpora o conjunto de *software* livre (sistema operacional e aplicativos), abrem caminhos de possibilidades na recomposição dos movimentos sociais a favor da sociedade igualitária e, portanto, da possibilidade da transformação social. O *software* livre se deixa doar e, dessa forma, contraria a forma como o sistema vigente está organizado.

Nesse ponto, concordamos com Lima (2002, p. 55) quando ela, referindo-se à democratização e universalização Internet, especificamente, diz: **“a rede pode ser uma grande ágora, desde que socializada”** (grifo nosso). Parafraçando-a, afirmo que não só a Internet, mas as TIC de modo geral podem se tornar uma grande ágora, desde que também socializadas. O *software* livre também. Divulgado e compartilhado coletivamente como opção tecnológica em detrimento a outros modelos oferecidos de *softwares*. Porque, ao contrário, o *software* livre **“por ser de código aberto, nos deixa a idéia de liberdade que pode ser usada para a formação política e social do cidadão”**. (ASSENTADO I).

Então, as mobilizações dos assentados do Assentamento Moacir Wanderley se somam às do MSL com afinidade para conquistar benefícios aos cidadãos e cidadãs desprovidos dos amparos sociais que lhes são de direitos: o MST luta por aqueles sem o amparo do direito de ter direito à terra e o MSL luta por aqueles sem o amparo do direito de ter direito à democratização e universalização das TIC, incluindo aí, os próprios assentados do Assentamento Moacir Wanderley que tentam consolidar o *software* livre como um caminho tecnológico a seguir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendidas como ferramentas de cunho sócio-cultural, as TIC quando democratizadas e universalizadas são capazes de socializar os conteúdos mentais de milhões de coletividades “gerando novas expressões culturais, novos valores, novas



imagens”, (LIMA, 2002, p. 16). A presença delas nas vidas dos assentados do Assentamento Moacir Wanderley via telecentro, via *software* livre pode abrir para eles um novo espaço de ação-política para se dá início o processo de transformação social de suas realidades. Dessa forma, elas “podem criar asas e voar para um universo gerador e transformador do real”, (LIMA, 2002, p. 44). Para Bernal (2002, p. 311) as TIC “rompem com a lógica dos espaços e geram novos conceitos do chamado espaço-mundo”, (tradução nossa).

Esses espaços-mundo condicionados pela presença das TIC são novos palcos de enfrentamentos que os movimentos sociais precisam apropriar-se para dominá-los e com isso utilizá-los como uma das formas, por exemplo, de diminuir a distância que há entre eles e a sociedade. Não esquecendo, logicamente, que as TIC também podem fortalecê-los enquanto sujeitos de uma contracultura. Enfim, nessa lógica, as TIC através do *software* livre podem está (re) criando novos contextos de luta e resistência. Porém, mais do que ter clareza das modificações ocorridas e/ou que podem ocorrer por conta delas, é necessário pensar como elas podem ajudá-los.

Os assentados do Assentamento Moacir Wanderley que nos ajudaram na pesquisa, sabem dos efeitos das TIC a sociedade. Principalmente, da possibilidade delas se apresentarem como elemento emancipador de um devir social emergente aos olhos da sociedade organizada e também da inserção delas como ferramentas de transformação social no que tange à luta por conquista de mais direitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNAL, Patrícia. Debates em torno a la comunicación política en Internet. (Orgs). Cicília K. Peruzzo, Denise Cogo e Gabriel Kaplún. In: **Comunicación y movimientos populares: cuáles redes?** - São Leopoldo: Ed UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos; La Habana: Centro Memorial Dr. Martin Luther King, Jr.; Montivideo: Ciências de la Comunicación, Universidad de la republica, pp: 299-326, 2002.

BOLAÑO, César; MATTOS, Fernando. **Conhecimento e Informação na atual Reestruturação Produtiva: para uma crítica das teorias da Gestão do Conhecimento.** In: Datagramazero. Revista de Ciência da Informação, vol. 5, n. 3, artigo 3 – junho de 2004. Rio de Janeiro.



DEWEY, John. **Vida e Educação**. 5 ed. Tradução de Anísio S. Teixeira. São Paulo: Edições Melhoramentos; Fundação Nacional de Material Escolar, 1978, 112p.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 28 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005a, 79p.
_____. **Educação como prática da liberdade**. 28 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005b, 158p.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 31 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001, 184p.

_____. **Um educador do povo**. São Paulo: ANCA, 2002.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da Educação**. *São Paulo Perspec.*, Jun 2000, vol.14, no.2, p.03-11. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9782.pdf>>. Acesso em: 26 de agosto de 2007.

GOMEZ, Margarita Victoria. **Alfabetização na esfera digital: uma proposta freireana**. *Educação em Foco* (Juiz de Fora), Juiz de Fora, v. 7, n. 1, p. 99-115, 2002.

LAGO, Andréa Ferreira. **O papel dos Canais de Comunicação para a Educação a Distância**. In: Othon Jambeiro; Fernando Ramos. (Org.). *Internet e Educação a Distância*. Salvador: EDUFBA, 2002, v. 1, p. 83-92.

LIMA, Maria de Fátima Monte. **NO FIO DE ESPERANÇA Políticas Públicas de Educação Tecnologias da Informação e da Comunicação**. 2002. f. 208-240. Tese (Doutorado em Educação) - Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2002.

MARX, Karl. **O Capital. Crítica da Economia Política. Livro I o Processo de Produção do Capital. V. I**. Trad. Reginaldo Sant Anna. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1975, 579 p.

MÉSZÁROS, István. **A Educação para além do capital**. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005, 77p.

RODRIGUES, L. I. (2003). **Esse bando de amalucados e seus programas livres**. Reportagem, ano IV, n. 44, maio, São Paulo.

SCHAFF, Adam. **A sociedade informática**. São Paulo: Brasiliense, 1995

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Software livre: a luta pela liberdade do conhecimento**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, 79p.